A CRIANÇA-SUJEITO NAS PESQUISAS SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Maria Goretti Quintiliano Carvalho, Elianda Figueiredo Arantes Tiballi
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os trabalhos sobre dificuldades de aprendizagem publicados nos periódicos da Capes com Qualis-CAPES A1 desde 1972 até 2011 (este período foi determinado pela primeira publicação sobre o tema, de acordo com a busca utilizando o descritor dificuldade de aprendizagem nos periódicos), isto feito com o intuito de verificar qual o tipo de pesquisa utilizada, qual a concepção de dificuldades de aprendizagem são concebidos nesses trabalhos e, dentre estes trabalhos, identificar quais foram realizados com crianças e a partir de qual concepção de criança.

Métodos, procedimentos e materiais

A partir de análise nos periódicos da área da educação classificados com conceito Qualis/CAPES A1, e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) sobre a produção de trabalhos que trataram do tema dificuldade de aprendizagem, é possível constatar que há poucos trabalhos sobre esses temas, aparecendo apenas 7 (sete) artigos sobre dificuldades de aprendizagem de forma direta, sobre esta temática em três revistas que têm publicações sobre o assunto: Cadernos de pesquisa (Fundação Carlos Chagas), Ciência e educação (Unesp) e Educação e pesquisa (Feusp); sendo que o Cadernos de Pesquisa foi o primeiro periódico a pesquisar sobre o tema, com três publicações nas décadas de 1985, 1990 e 1992; somente as duas últimas revistas demonstraram interesse sobre as dificuldades de aprendizagens, com publicações de 2008 a 2011, tempo bastante recente. O pequeno número de trabalhos que foram realizados com o objetivo de discutir as dificuldades de aprendizagem é intrigante já que, grande parte dos alunos enfrenta diariamente dentro da sala de aula problemas relativos a esta questão. Enfrentam, mas permanecem dentro da sala de aula, camuflados pelos números obtidos nas avaliações após passarem pelos trabalhos de reforço no contra turno ou pelos esforços da família em contratar professores particulares para superar essas dificuldades ou, ainda, ao darem as respostas esperadas e suficientes para alcançarem a nota mínima para progredirem para o ano seguinte.

Resultados e discussão

Os artigos publicados foram: O príncipe que virou sapo (1985), Do cotidiano à construção do pensamento lógico-matemático (1990), O nó górdio da educação brasileira: ensino fundamental (1992), Desenvolvimento de habilidades no ensino de ciências e o processo de avaliação: análise da coerência (2008), O que pensam os professores sobre a função da aula expositiva para a aprendizagem significativa (2010), Problema proposto ou problema resolvido: qual a diferença? (2009), Estigma e discriminação vividos na escola por crianças e jovens órfãos por Aids (2009). A produção acadêmica sobre as dificuldades de aprendizagem se divide em dois eixos teóricos de orientação construtivista: um que renega toda a responsabilidade pelo fracasso e dificuldades ao aluno que é carente sócio-culturalmente e outro que considera que a culpa pelo fracasso escolar é de responsabilidade da escola, que não conhece e não sabe lidar com o aluno da escola pública. A ação do professor e a relação que este aluno estabelece com o saber que lhe é ensinado em sala de aula não são consideradas na análise sobre de que forma acontece o processo de construção do fracasso escolar, o que reforça a necessidade de se realizar pesquisas que dêem voz à criança considerada com dificuldades de aprendizagem, já que é ela o sujeito deste discurso.

Conclusão e referências

A partir da pesquisa realizada nos periódicos avaliados, é possível afirmar que a criança ainda não é considerada como interlocutora nas pesquisas sobre Dificuldades de aprendizagem. E que esta é considerada ora como a culpada pelas dificuldades de aprendizagem, ora como vítima de todo um sistema que não considera as especificidades das crianças ao planejar e preparar suas atividades e metodologias pedagógicas. Este trabalho torna-se importante instrumento no sentido de revelar a compreensão que os adultos têm sobre dificuldades de aprendizagem e da urgente necessidade de realizar pesquisas sobre as dificuldades de aprendizagem considerando a criança como interlocutora e como sujeito de direitos, com culturas e experiências singulares e complexas. Certamente, as crianças têm muito a dizer sobre as instituições, as práticas pedagógicas, os materiais pedagógicos que os adultos criaram pensando em suas necessidades.

CAGLIARI, L. C. O príncipe que virou sapo. Cad. de pesq., São Paulo, n. 55, p. 50 – 62, nov. 1985.
FRAGA, M. L. T. Do cotidiano à construção do pensamento lógico-matemático. Cad. de pesq., São Paulo, n. 72, p. 70 – 76, fev. 1990. SILVA, R. N.; DAVIS, C. O nó górdio da educação brasileira: ensino fundamental. Cad. de pesq., n. 80, fev. 1992. DALTO, J. O.; BURIASCO, R. L. C. de. Problema proposto

ou problema resolvido: qual a diferença? Educ. Pesq. 2009, vol.35, no.3, p. 449-461. ZUCCHI, E. M. et al. Estigma e discriminação vividos na escola por crianças e jovens órfãos por Aids. Educ. Pesq., Dez 2010, vol.36, no.3, p.719-734. MAIA, P. F.; JUSTI, R. Desenvolvimento de habilidades não ensino de ciências e o processo de avaliação: análise da coerência Ciênc. educ., 2008, v 14, n. 3, p. 431 – 450. PACCA, J. L. de A.; SCARINCI, A. L. O que pensam os professores sobre a função da aula expositiva para a aprendizagem significativa. Ciênc. educ., Bauru, 2010, v 16, n. 3, p. 709 - 721.

Palavras-chave: Aprendizagem; Dificuldades de aprendizagem; Pesquisa com criança; Criança.

Fomento: CAPES/PROSUP

Contato: goretiqucarvalho@gmail.com